



## GREGÓRIO GURSTONSKY E SEUS DESTERROS: MEMÓRIA

PINHEIRO, Alexandra Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto a seguir analisa o papel da memória na obra de Susana Gertopan. Descendente de judeus que fugiram das duas Guerras Mundiais, a obra de Gertopan configura como uma voz que denuncia e não permite esquecer os horrores do holocausto e o sentimento de culpa daqueles que conseguiram sobreviver a ele. Dos seis livros que publicou (até o ano de 2010), elegemos como *corpus* de análise para esse trabalho a narrativa *El otro exilio* (2007). Nela, o narrador-protagonista Gregorio, jornalista aposentado, conduz o leitor por suas memórias, permitindo-lhe conhecer a si e aos que estiveram ao seu lado durante a travessia de sua vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paraguai; representação; Susana Gertopan.

**RESUMEN:** El siguiente texto analiza el papel de la memoria en la obra de Susana Gertopan. Un descendiente de Judíos que huyeron de las dos guerras mundiales, el trabajo de Gertopan configura como una voz que denuncia y no permite olvidar los horrores del Holocausto y la culpabilidad de los que le sobrevivieron. De los seis libros publicados (en el año 2010), se optó por el corpus de análisis para este trabajo el relato *El otro exilio* (2007). Aquí, el narrador-protagonista Gregorio, un periodista jubilado, lleva al lector a través de sus recuerdos, lo que le permite conocerse a sí mismo y que estaba a su lado durante el viaje de su vida.

**PALABRAS CLAVE:** Paraguay ; la representación; Susana Gertopan.

A produção literária da escritora paraguaia Susana Gertopan tem um ponto em comum: as personagens principais são judias, pessoas que fugiram dos horrores da primeira e da segunda Guerra Mundial. Na América do Sul ou na Europa, sentem-se seguros, mas, em contrapartida, necessitam curar a culpa por estarem vivos, enquanto seus pais, irmãos, tios, avôs e amigos foram mortos nos campos de concentração. Em entrevista ao *Correo Semanal*, divulgada na edição de 16 de outubro de 2010, Gertopán relembra que sua família imigrou da Polônia para o Paraguai entre a primeira e a segunda Guerra Mundial. Ela nasceu em 1956, no bairro Palestino (nome de uma de suas narrativas). No reduto dos judeus no Paraguai, Susana Gertopan cresceu ouvindo as histórias contadas por seus pais, avôs, tios, vizinhos. As personagens que compõem suas obras, portanto, são constituídas, também, pelas imagens apreendidas

e reinterpretadas das histórias ouvidas na infância e na juventude, como a autora afirma:

— No me acuerdo cuándo empecé a escribir. Creo que siempre estuvo presente en mí la necesidad de expresarme de ese modo. Creo que necesitaba, necesito contar lo que sentía, lo que siento, lo que me dolía y duele, lo que soñaba y sueño, lo que pienso y deseo. Denunciar lo que veía y veo, dar riendas sueltas a mis fantasmas, darles vida a ellos y a ciertos personajes que yo inventaba, invento. No concibo vivir sin la escritura, ausente de la creación. Escribí y escribo para sobrevivir (entrevista ao *Correo Semanal*, 16/10/2010<sup>2</sup>).

De acordo com as palavras de Gertopan, sua escrita lhe permite partilhar sonhos, desejos, denúncias, por fim, escrever, para ela, significa “sobreviver”. Seu trabalho já conquistou reconhecimento e suas obras foram premiadas dentro e fora do Paraguai. Victorio V. Suárez (2011) afirmou que “Susana es una de las prolíficas escritoras paraguayas y nadie podría negar lo méritos que ha conseguido en la novelística, enriquecida por su capacidad creativa y proximidad a los grandes problemas que aquejan a la humanidad” (p. 194). A pesquisadora Lourdes Talavera explicita o valor histórico do conjunto de suas obras. Suas criações literárias seriam, de acordo com Talavera, a possibilidade de construir um quadro sobre os conflitos vivenciados pelos imigrantes judeus:

Susana Gertopán, en nuestro país, es una importante referente de la literatura judía y nos presenta temáticas que aluden a la diáspora o exilio hebreo, el holocausto y las secuelas en sus víctimas como también las tradiciones y ritos judíos como se evidencia en su primera novela “Barrio Palestina”. El exilio es tratado en cada una de sus novelas de manera explícita o implícitamente desde diferentes miradas: el exilio del hogar, el político, el autoexilio y lo que ella denomina el “otro exilio”, ese que lleva a las personas a defenderse de la vida como un mecanismo de defensa para protegerse del dolor externo. Este tema es tratado en su obra “El otro exilio” (TALAVERA, 2010, p. 33).

Não por acaso, a obra *El otro exilio* foi escolhida por nós para discutirmos o lugar da memória no texto literário. De acordo com as próprias palavras de Gertopan, a maior parte de suas criações está pautada nas histórias que ouviu durante a infância e juventude. Aliado aos relatos de seus familiares encontra-se o que a escritora também vivenciou nos bairros palestinos de Assunção. Espaço em que lembrar era a única forma de preservar seus costumes, sua religião, suas vidas.

Neta de judeus poloneses que fugiram do holocausto provocado por Hitler,

Gertopán nasceu e cresceu em Assunção. Com os avôs, com quem morou a maior parte de sua vida, aprendeu a cultura judaica e ouviu as tristes histórias narradas por sua família e pelos vizinhos judeus que se reuniam para lembrar dos amigos e dos familiares mortos durante a Segunda Guerra Mundial. As histórias falavam de pessoas e expressavam a saudade da terra de origem, uma terra que, sabiam eles, não era mais a mesma de tempos atrás. Neste ambiente, os mais velhos buscavam incutir nos mais jovens a devoção pela religião judaica e o sentimento de pertencimento a uma cultura distinta do país latino que os acolheu. Alguns jovens, como foi o caso de Susana Gertopán, experimentaram forte conflito. Havia dois mundos para eles: o de seus avôs e pais e o do Paraguai, com sua cor, sua cultura, sua gente e sua religião.

Por muitos anos, Susana Gertopán seguiu a cultura judaica: casou-se, dedicou-se integralmente à família, cuidou de seus três filhos. Mas, por fim, ela se separou e assumiu as consequências. Passou pelo ritual do *guet*, que é explicado em sua terceira obra, *El retorno de Eva*: “Estaba obteniendo el guet, el certificado de divorcio, en una ceremonia parecida a un carnaval trágico que me condenaba por ser mujer y la vez me permitía la libertad de mi carne, la libertad de elección, la independencia total sobre mi existir. Mi liberación” (GERTOPÁN, 2003, p. 27). Após vivenciar o ritual, Eva vai embora de Assunção e volta vinte anos depois para entregar, ao ex-marido, a cópia original do divórcio. Diferentemente da personagem de sua narrativa, Susana Gertopán permanece no Paraguai, mas reconstrói-se. Volta a estudar, passa a exercer uma profissão fora dos domínios domésticos e conquista o tempo e a liberdade para se dedicar à escrita.

O narrador-protagonista Gregorio envereda por uma narrativa memorialística, realizada por quem aceita visitar o seu passado, ressignificar a sua história e a de seus pares, como afirma Viana:

Importância da experiência pessoal e a oportunidade de oferecê-la ao outro até o estabelecimento de uma relação pactual, num acordo tácito de um eu autorizado pelo próprio sujeito da enunciação e que toma para si sua vivência passada (VIANA, 1993, p. 16).

Paul Ricouer (2007), um dos teóricos mais significativos para a compreensão do processo memorialístico afirma: “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. Em seguida, destaca que:

(...) a “rememoração” [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite

remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância (RICOEUR, 2007, p. 40).

O protagonista-narrador de *El outro (otro) exílio* (2007), Gregório, é o personagem criado por Susana Gertopan para nos conduzir pelo jogo da memória. Gregório em espanhol, Ghershn em Yiddish e Gershon em hebreu, nasceu em 1930, em Varsovia-Polonia. Quase aposentado da profissão de jornalista, o protagonista é desafiado, por si mesmo e pelo desejo de livrar-se de culpas, a reconstruir sua história: os exílios geográficos vividos com sua irmã Rebeca e seus pais; o exílio de si mesmo; o exílio de seus amores e de seus filhos.

A neta de judeus, por meio da literatura, recria as histórias de seus avôs e a dela também. A escritora paraguaia cria narradores que sintetizam a dor do desterro e a dificuldade em estar em terra estrangeira. Ela compartilha de sentimentos e acontecimentos recuperados pelas memórias de seus protagonistas: o desafio dos mais jovens de estabelecerem a relação entre os dois mundos e o de perpetuar a tradição judaica. Das oito obras de Susana Gertopán, *El otro exilio* é a mais representativa da temática do exílio. O protagonista Gregório, aos 75 anos de idade, escreve as suas memórias e descortina uma sequência de exílios, alguns forçados; outros, buscados como fuga de tudo aquilo que era incompreendido pela personagem. Na epígrafe escolhida para iniciar esta reflexão encontra-se a síntese deste sujeito marcado por tantos desterramentos. Gregório define-se como “un permanente errabundo, buscando un lugar donde pueda o me permitan vivir”. A escrita de suas memórias marca o final desta busca, o protagonista encontrou as respostas para as suas angústias e já não necessita mais fugir.

A história contada por Gregório contempla a fuga dele, de seus pais e de sua irmã de Varsóvia, na década de 30. O sujeito que rememora está com mais de 70 anos, é um jornalista aposentado que vive em Buenos Aires. O leitor acompanha as reflexões de Gregório e a dor que ele necessita superar nesse encontro com o passado. Na década de 30, Gregório e sua família partem com documentos falsos em direção à América do Sul. Buenos Aires será a cidade escolhida para viverem o primeiro exílio. Depois de serem acolhidos por outros judeus, a família reencontra a tranquilidade, até que a irmã, Rivke, passa a se dedicar a um grupo político contrário à ditadura militar<sup>3</sup> que marcava o país. O novo lugar escolhido para a fuga é o Paraguai e é, em sua capital, que a família volta a se recompor. O emprego do pai lhes permite sonhar com uma casa própria, com espaço para um jardim onde a mãe plantaria flores. Mas poucos anos depois, a irmã novamente se envolve com um grupo contrário à ditadura no Paraguai e a família, sem outras opções, volta a Buenos Aires, agora

como clandestinos, e passam a viver em sua periferia. Gregório decide deixá-los e vai para os Estados Unidos, onde trabalha e estuda jornalismo.

Depois de formado, ele, aliado a um grupo de sionistas, parte para Israel. Casa-se e se separa por três vezes e, ao longo de sua vida, muda-se constantemente por motivos de trabalho. Volta para Buenos Aires depois do suicídio da irmã e assume para si a responsabilidade de cuidar da mãe. Ao final, é na cidade onde viveu o primeiro exílio que decide terminar os seus dias e escrever a sua história. Impulsionado por um jovem estudante de jornalismo, que solicita a ele uma entrevista, Gregório, diante da necessidade de falar do passado, silencia e prefere escrever. O processo de escrita, entretanto, o faz mergulhar em fatos que ele revisita com dificuldade:

Lloré cuando recorde a mis padres, a mi hermana y a mis exilios. Sufría, porque no podía hablar, porque no podía contar, porque no pude gritar, porque no pude salvarle del ahogo a mi voz.

Frente a tanta frustración, me senté a contar mi vida. Pero en fin ¿qué significado tendría para un ser como yo sufrir la necesidad de contar sobre sí mismo? ¿qué significado tiene relatar la vida de uno? ¿como se hace? ¿como se sostiene una verdade que uno mismo no reconoce, o no conoce? ¿como se sobrevive a recuerdos que solamente causan pena? ¿como se descubre y se consuela la culpa? ¿como se explica existir, quedar vivo, en un cuerpo que no palpita? (GERTOPÁN, 2007, p. 27).

Gregório é um desterrado, alguém que foi obrigado a deixar a sua pátria para fugir da perseguição, mas, depois, fugir tornou-se uma alternativa para que ele pudesse se livrar de todos os problemas. Ao final de sua vida, já não deseja escapar, ele tenta, por fim, reconhecer a sua história e enfrentar os seus traumas. No fragmento acima, aquele que rememora tem dúvidas de como deve abordar as lembranças que “solamente causam pena”. Durante dias, Gregório se exila em seu passado. Ele não apenas narra sua trajetória, como também reflete sobre ela e busca, com o olhar do senhor de 75 anos, compreender os exílios geográficos e interiores.

O prefácio da obra é escrito pelo próprio narrador. É ele quem explica ao leitor a sua intenção de registrar o seu testemunho sobre os exílios que experimentou ao longo de sua vida. O narrador busca recuperar as cenas guardadas em sua memória para compreender seus limites, seus medos e a sua maneira de interpretar a realidade à sua volta. As informações no prefácio não são lineares, como se o narrador estivesse jogando no papel as imagens que emergem aleatoriamente de sua memória:

mi nombre en español es Gregório Gurstonsky, en yiddish Ghershyn y en hebreo Ghershon.

Viví en diferentes lugares, pero nunca permanecí en ninguno, ne acepté ser parte de alguno. Aprendí vários idiomas, pero solamente los pude hablar cuando el utismo lo otorgaba licencia a mi voz. La lengua en mi hogar fue el *yiddish* (GERTOPÁN, 2007, p. 9).

É nas reflexões de Santo Agostinho que encontramos as primeiras ideias sobre o processo de rememorar. O filósofo lembra que passado e futuro são tempos inexistentes porque é no presente que ambos se constituem. Sobre as cenas da infância, por exemplo, Santo Agostinho defende que as imagens evocadas se tornam “objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória” (AGOSTINHO, 2004, p. 326). Talvez por esta razão as memórias de Gregório se apresentem em fragmentos, não lineares. O adulto que traz ao presente as imagens pertencentes ao passado não é o mesmo que as vivenciou um dia. Trata-se, portanto, de um momento de descrever e refletir sobre os vestígios presentes na memória. Aquele que rememora também tem a liberdade para justificar algumas ações ou para “esquecer” outras. O narrador-protagonista de *El otro exilio* também tem a consciência de que as memórias são recuperadas com os olhos de um adulto que visita o seu passado como um expectador.

Mas o tempo recuperado por Gregório não é apenas cronológico, ele também é social, como defende Eclea Bosi (1994). O protagonista rememora experiências individuais e coletivas. Ao final, como é ele quem faz a ação de rememorar, a vida das demais personagens são trazidas à tona pelo seu ponto de vista. A irmã Rebeca, suas lutas contra as ditaduras da Argentina e do Paraguai e o seu suicídio são representados por Gregório, que terá como ponto de referência os sentimentos que as ações da irmã causaram nele. Da mesma maneira, o sonho da mãe em encontrar um lugar que amenizasse a saudade de sua terra natal e o desejo de cultivar flores é reconhecido pelo narrador como se fosse um projeto também dele. Afinal, as muitas mudanças de países também foram movidas pela expectativa do protagonista em encontrar um espaço que pudesse dar a ele o sentimento de pertencimento. Aquele que rememora é, portanto, um porta voz de si e “dos outros”, função reconhecida por Gregório:

Gozo con la exhibición escrita de los hechos, con las demostraciones de los acontecimientos puestos en el deseo de liberar el dolor y aplacar la culpa a través de cada verdade, que es única; de ideas que son mías, pero que también pueden ser de otros, de muchos; que son parte de cada uno de nosotros y que nadie tiene el derecho de censurarlas (GERTOPÁN, 2007, p. 71).

“Nadie tiene el derecho de censurarlas” as memórias revisitadas pelo protagonista? Estariam presentes neste fragmento duas constatações: a primeira seria a consciência de Gregório de que as suas memórias existem em partilha com outras. Em segundo lugar, estaria o medo de ser julgado. Registrar sentimentos e ações implica em saber que aquilo que antes era apenas seu, agora será de conhecimento de muitos, que poderão julgar alguns fatos da trajetória rememorada. Por outro lado, o ato de rememorar permite ao sujeito a sua versão da história e o direito de selecionar o que será descortinado e aquilo que continuará esquecido: “[...] algunos recuerdos de ese tiempo me son vagos, otros me niego a recordar” (GERTOPÁN, 2007, p. 34).

Mais do que se negar a lembrar, trata-se da “impossibilidade de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador” (BOSI, 1994, p. 59). É pela impossibilidade de apreender todos os fatos vividos que o ato de rememorar permite uma revisão-invenção de sua história. Na citação abaixo, o narrador demonstra ter a consciência de ser um expectador das imagens recuperadas no passado. Neste caso, um expectador amadurecido pelos desafios impostos pela vida e pelos exílios forçados e voluntários: “Ahora lo cuento, recién ahora puedo escribir sobre todo lo vivido durante esos años, pero con los ojos de un hombre de setenta y cinco años, que ya intento por otros médios entender, perdonar ciertos acontecimientos que le produjeron demasiado dolor” (GERTOPÁN, 2007, p. 49). Gregório é, portanto, um narrador pós-moderno que “sabe que o “real”, o “autêntico” são construções de linguagem” (SANTIAGO, 2002, p. 46).

A busca pelo passado obedece à ordem cronológica. Ou seja, Gregório regressa à infância, à adolescência e à vida adulta. A passagem de um momento a outro é dada pelo narrador a partir do período em que ele se encontra. Ao sair da Polónia, Gregório tem seis anos de idade. A passagem deste tempo é dada pela comemoração dos seus 13 anos, importante acontecimento para a cultura judia e para ele também, que, depois de 7 anos, recupera a sua voz: “Oí a León, pero también oí otra voz. Era la mía. En ese momento yo estaba oyendo mi voz, mi propia voz” (GERTOPÁN, 2007, p. 61).

A perda da voz, na narrativa, é um dos pontos mais significativos. Trata-se da síntese dos traumas que marcam a sua história. O primeiro nasce com o exílio forçado, quando fogem do holocausto. Naquele momento, o protagonista, com seis anos de idade, é deixado em uma rua deserta de Varsóvia, onde deveria esperar por um desconhecido que o levaria até o navio, para o reencontro com a família. Ao recordar este tempo de espera, Gregório busca encontrar explicação para o medo que o levou a urinar nas calças. No navio, finalmente reencontra o pai, mas não

recebe dele o acolhimento que desejava. O segundo exílio forçado implicará na segunda perda da voz e, por fim, já na vida adulta, perde a voz quando recebe a notícia da morte do pai. O homem adulto que rememora analisa a sua incapacidade de se expressar diante dos medos e reconhece a perda de voz como um exílio interior voluntário. Ele desejava estar longe de tudo o que ocorria a sua volta para superar os acontecimentos traumáticos. Ao final, aquele que por tantas vezes perdeu a voz, sente-se fortalecido, a ponto de tomar para si a tarefa de recuperar a vida dos que já morreram:

Ahora, que ya mis padres están muertos, me resulta más difícil contar sobre ellos. Siempre existen un cierto prejuicio cuando queremos referirnos a los que ya no viven. Es como si los muertos se llevaran de la vida un halo de bondad con el que protegen su memoria. A los muertos no se los toca, de los muertos no se habla (GERTOPÁN, 2007, p. 75).

A tarefa não é das mais simples, uma vez que o próprio narrador chama a atenção para a dificuldade em enxergar (evidenciar) os defeitos daqueles que já morreram. Estes estariam protegidos por uma “auréola de bondade com que protegem a sua memória”. Consciente desta dificuldade, Gregório busca evocar a vida de seus familiares mortos a partir do equilíbrio entre um advogado de defesa e de acusação. Ou seja, ele aponta os seus defeitos, mas se antecipa nas justificativas. Atua, sem dúvida, como o narrador pós-moderno apontado por Silviano Santiago: “Pelo olhar, homem atual e narrador oscilam entre o prazer e a crítica, guardando sempre a postura de quem, mesmo tendo se subtraído à ação, pensa e sente, emociona-se com o que nele resta de corpo e/ou cabeça” (SANTIAGO, 2002, p. 59). No caso do narrador de *El otro exilio*, é interessante como ele mesmo tece considerações sobre o processo memorialístico. Há perguntas que necessitam ser feitas ao passado e ao encontrar possíveis respostas, há o enfrentamento com dores que se julgava resolvidas: ¿Por qué sufrir tanto ante la necesidad de contarlos, de escribirlo? (GERTOPÁN, 2007, p. 113). As angústias são provocadas pelo encontro com o seu maior adversário, sua “alma”:

Padecer de éste apremio por revivir recuerdos que mantuve guardados y que al traerlos al presente me llevan a sufrirlo de nuevo, me vuelve vulnerable a ellos. Pero a pesar de todo, sigo escribiendo, no puedo detenerme, no puedo parar esta compulsión por contar, aunque me duela, aunque sufra por permanecer en este estado delirante, donde me enfrento con cada palabra que escribo a un nuevo duelo con adversário conocido, íntimo, que termina siendo mi voz, mi alma (GERTOPÁN, 2007, p. 113).

“Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”, escreveu Paul Ricouer, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 107). Ter a “alma” como grande adversário significa o quanto complexo é a tarefa de voltar-se para si. A alma de um indivíduo guarda os sentimentos mais íntimos, aqueles que o sujeito desejou conscientemente esquecer e outros que se perderam ao longo da vida. Ambos, de alguma maneira, foram preservados e o esforço por recuperá-los só é permitido a quem aceita reencontra-se consigo mesmo. Pensar a escrita, neste caso, também implica em analisar o empoderamento do sujeito diante da possibilidade em revisitar o seu passado, “desenterrar mis recuerdos, para, alguna vez, lograr deshacerme de tanto dolor” (GERTOPÁN, 2007, p. 123). O jornalista de 75 anos revisita a sua memória e reinventa a sua história. Os exílios físicos e interiores são recuperados e analisados pelo ponto de vista do profissional que, para abafar as suas misérias, optou por ser repórter de guerra. Do apartamento em Buenos Aires, ele faz as pazes com sua trajetória e a reconstrói com a leveza daquele que superou os desafios. Por fim, Gregório é o narrador que “não quer enxergar a si ontem, mas quer observar o seu ontem no hoje” (SANTIAGO, 2002, p. 56). E, de maneira contundente, o narrador constata que suas piores angústias estavam atreladas aos exílios forçados a que foi submetido e aos exílios voluntários que adotou para fugir de sua incapacidade de expressar suas dores.

#### PALAVRAS FINAIS:

Em seu processo memorialístico, Gregório parece responder às indagações que marcaram a sua existência: qual a sua identidade?; qual o seu lugar de pertencimento? No encontro consigo mesmo, a partir da possibilidade de refletir sobre sua trajetória, privilégio concedido pela memória, o narrador protagonista procura encontrar a si e aos seus familiares, desvendando-os no emaranhado de imagens que lhe surgiam à mente:

Miles de escenas me pasaban por la mente, los recuerdos bullían en mi memoria, no podía soportar tantas imágenes que no me dejaban descansar, ni podía descifrar de cuándo eran. Figuras humanas, entre ellas la de mi padre, la de Rebeca, y la de una niña pequeña con rizos largos, perdida, llorando por calles de Varsovia (GERTOPÁN, 2007, p. 295).

Por fim, sente-se aliviado das culpas que lhe marcaram, não deseja mais procurar pelo seu lugar, porque constata que essa busca sempre foi inútil. Não há

uma identidade a definir porque sua identidade é marcada pelo hibridismo: seu lugar está em Varsóvia, em Buenos Aires, em Assunção, em Israel, em Paris... Sua identidade judaica complementa-se com as formas de ser e viver que apreendeu nos espaços que ocupou e nas línguas que se obrigou a aprender devido às fugas. O senhor Gregório, aos 75 anos, cumpre a tarefa de buscar, em sua própria trajetória de vida, a resposta para suas angústias, culpas, dúvidas. Ao final, após reviver as dores do menino, do adolescente, do jovem e do adulto que um dia foi, sente-se aliviado e pronto para prosseguir:

Me detengo y pienso en la edad que tengo y luego en todo lo que me ha tocado vivir a lo largo de estos años, en todo lo que he sentido, y a pesar de ello sigo luchando contra mi mudez, aquí sentado frente a este ventanal, mirando las hojas de otoño, mirando el cielo, acariciando al gato, cerca de Nicole. Por fin pierdo la lástima hacia mí mismo y me siento a escribir, a seguir relatando sobre mi existencia. Mi recobro de todo, me reconstruyo, nazco de mí mismo y, como la zarza ardiente, broto de las cenizas para seguir con mi trabajo (p. 329).

Ele consegue perdoar a sua história, percebe que nunca foi o culpado e, o mais importante, dá-se conta de que o lugar que tanto procurou está dentro dele, envolto às suas lembranças, às suas crenças, à sua história. Sem culpas, é possível seguir adiante.

## NOTAS

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. [alexandrapinheiro@ufgd.edu.br](mailto:alexandrapinheiro@ufgd.edu.br)

<sup>2</sup> A Argentina sofreu seis golpes de estado: 1930, 1943, 1955, 1962, 1966, 1976. A obra se refere ao de 1943, uma vez que Gregório e sua família saíram de Varsóvia em 1936, quando ele tinha seis anos de idade.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Àvila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pp. 61-80 e pp. 163-180.

- CLIFFORD, James. Diaspora. *Cultural Anthropology*. n. 9, v. 3, 1994, p. 302-338.
- CYTRYNOWICZ, Roney. "O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto". In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e identidade judaica. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade*. Vol. 3, No 4 (2008), pp. 89-100.
- GERTOPÁN, Susana. *El otro exilio*. Paraguai: Servilibro, 2007.
- HAKEHILATÍ, Vaad Hajinuj; BARYLKO, Jaia & STEPAC, Sara. *La Torá el libro de la vida*. Argentina: Consejo Central de Educación Judía de la Republica Argentina, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. e org. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- MELIÁ, Bartolomeu. *El Paraguay inventado*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 1977.
- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.
- RICOUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: editora da Unicamp, 2007.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas das letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SCHMIDT, Rita, Terezinha, Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In.: NAVARRO, Márcia Hoppe. *Rompendo o silêncio: Gênero e Literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995, pp. 182-189.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

SORJ, Bernardo. Exílio-diáspora, os judeus e Israel. In: FUKS, Saul (Org.). *Tribunal da história: julgando as controvérsias do povo judeu*. Rio de Janeiro: Relume, Centro de História e Cultura Judaica, 2005.

SUAREZ, Victorio V. *Proceso de la Literatura Paraguaya*: perfil histórico bibliografía y entrevistas a los mas destacados escritores paraguayos. Asuncion: Litocolor, 2011 (obra custeada pelo governo pela comemoração dos 200 anos de independência do Paraguai).

TELESCA, Ignacio (org.). *Historia Del Paraguay*. Asunción: Taurus editora, 2010.

TOURAINÉ, Alain, *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis; Vozes, 1999, 387

WALDMAN, Berta. Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos, In: WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectivas; FAPESP; Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, p. 89-10.

ZINANI, Cecil. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul-RS: Educs, 2010.